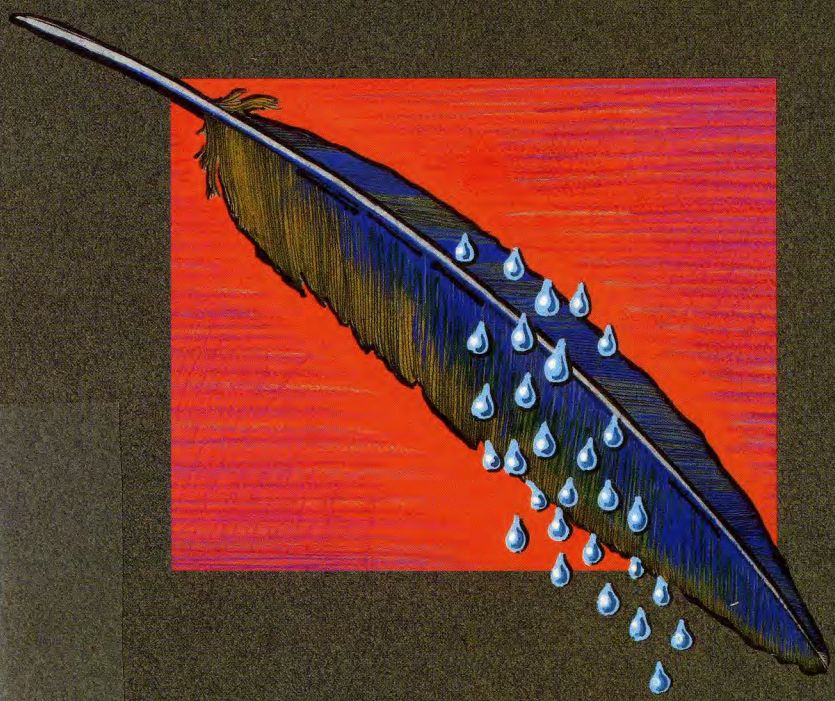
MÁRIO DE CARVALHO

ÁGUA EM PENA DE PATO

TEATRO DO QUOTIDIANO

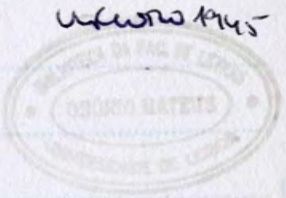


CAMINHO
o Campo da Palavra

MÁRIO DE CARVALHO

ÁGUA EM PENA DE PATO

TEATRO DO QUOTIDIANO



CAMINHO
o Campo da Palavra

ÁGUA EM PENA DE PATO
Autor: Mário de Carvalho
Capa e orientação gráfica: Secção Gráfica da Editorial Caminho
Revisão: Secção de Revisão da Editorial Caminho
© Editorial Caminho, SA, Lisboa — 1992
Tiragem: 1500 exemplares
Composição: Secção de Composição da Editorial Caminho
Impressão e acabamento: Tipografia Lousanense
Data de impressão: Fevereiro de 1992
Depósito legal n.º 51 128/92
ISBN 972-21-0710-0

ÍNDICE

O sentido da epopeia 9

A rapariga de Varsóvia 65

O desencontro 139

O SENTIDO DA EPOPEIA

Este texto, com algumas diferenças, foi levado à cena em 1986 pelo grupo «O Bando», sob o título *Estilhaços*. A encenação foi de João Brites e a interpretação de Márcia Breia, Maria Emília Correia e Pompeu José.

Personagens

MARIANA
NOÉMIA
OCTÁVIO

1. A CHEGADA

NOÉMIA e MARIANA chegam a uma pensão, numa terra alentejana, onde decidiram passar uns dias, longe de tudo. As duas amigas têm mais de quarenta anos de idade. Vestem bem.

Já no quarto, vão alegremente atirando a bagagem para cima da cama.

MARIANA: Uma mala!

NOÉMIA: Outra mala!

MARIANA: Um saco!

NOÉMIA: Um casaco felpudo!

MARIANA: Mais outra mala!

NOÉMIA: Uns óculos escuros!

MARIANA: Mais um saco...

NOÉMIA: Ainda outro saco...

MARIANA: Uma máquina de escrev...

NOÉMIA: Eh, lá, isso não, não me atires a máquina de escrever!

MARIANA: Uma maleta!

. . .

NOÉMIA: Hum, os lençóis cheiram a mofo...

MARIANA: Cheira tudo a bafio. É de estar fechado. Vamos lá a arejar isto...

NOÉMIA: A janela está um bocado perra. Estes tipos ainda não descobriram o alumínio...

MARIANA: Ainda bem!

NOÉMIA: Dá aqui uma ajuda... Olha, sempre julguei que a vista fosse melhor... Construíram para ali uns casinhotos ou lá o que é aquilo...

MARIANA: «Cabanejos»! Mas, também, que querias tu ver?

NOÉMIA: Olha, ao menos, sobreiros...

MARIANA: «Chaparros»! Ai achei tanta graça ao homem...

NOÉMIA: Qual, ao pastor?

MARIANA: Ao pastor: «Montevedro é já além à drêta daquele chaparro. Havera de lá estar uma tabuleta mas os moços dum cabrão deram cabo dela...»

NOÉMIA: «Já além»... Vinte quilómetros de estrada ruim.

MARIANA: O ar é puro. Vamos cá ter uma destas orgias de oxigénio...

NOÉMIA: À falta de melhor.

MARIANA: Talvez se arranje, quem sabe?

NOÉMIA: Ih, a cama range que se farta...

MARIANA: O meu inalador? Queres ver que me esqueci do inalador? Ah está aqui... Que alívio. Preciso de ter o inalador sempre à mão. O ar é puro mas, às vezes, a humidade...

. . .

MARIANA: Ah, cá estamos...

NOÉMIA: Cá estamos...

. . .

MARIANA: Bah, estou cheia de pó. O estupor da estrada... Sinto-me toda peganhenta.

NOÉMIA: Também eu. Olha! Olha!

MARIANA: Tenho de tomar um duche.

NOÉMIA: Eu também. Espero é que tenham a água quente ligada... Vai tu primeiro.

MARIANA: Não, não, primeiro tu!

NOÉMIA: Vá lá...

MARIANA: Ai que cerimónias. Olha, tiramos à sorte. «Um dó li tá, cara da mendoá, um soneto coloreto, um dó li tá...»

Vês? Calhou-te a ti...

2. REMINISCÊNCIA

MARIANA: Ao passar por Évora bem podíamos ter ido ver o Octávio.

NOÉMIA: Sabes, quando eu estou a conduzir e tenho um destino não gosto de parar a meio. É tudo de fiada... Não descanso enquanto não chegar ao fim da linha. Sempre fui assim...

MARIANA: Também, era só um pequeno desvio...

NOÉMIA: Além disso parece-me incorrecto aparecer em casa das pessoas sem avisar primeiro. Aliás, em qualquer altura podemos passar por lá. Não fica muito longe... É já além, como dizem aqui na região.

MARIANA: Eu estive para te dizer, mas depois não... Achas que ele gostava de nos ver?

NOÉMIA: Quem sabe? As pessoas, nas circunstâncias em que ele se encontra, às vezes tornam-se azedas...

MARIANA: Mas, bem vês, passarmos mesmo ali a dois passos e...

Noémia!

NOÉMIA: Hum...

MARIANA: Vamos lá um dia destes, está combinado?